

SESSÕES DO PLENÁRIO

15ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 12 de abril de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO ANGELO CORONEL

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao artista plástico, Dr. César Romero, nos termos da Resolução nº 1.806/18, proposta pelo ex-deputado e futuro deputado Angelo Almeida. (Palmas)

Convido para compor a Mesa, o Sr. Deputado Estadual, Líder da Maioria e futuro deputado federal, Zé Neto; senhor autor do Projeto de Resolução, deputado Angelo Almeida; Sr. Secretário Municipal de Planejamento, Carlos Alberto Oliveira Brito, representante do prefeito de Feira de Santana, Colbert Martins – já vi que as palmas hoje estão, no início da manhã, todo mundo desaquecido. Viu, Zé Neto? –; senhora jornalista e crítica de artes de Feira de Santana Lígia Motta; senhor artista visual e médico oncologista, Dr. José Henrique Barreto; senhor consultor e professor universitário Victoriano Garrido; senhor artista plástico e professor Juarez Paraíso; senhor produtor Cultural Leonardo Bokor. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial para que conduza a este recinto o nosso homenageado, o artista plástico, Dr. César Romero (Palmas)

Gostaria de informar aos presentes e aos membros da Mesa que o Dr. César Romero se encontra naquele barquinho da galeota do povo. Atrás daquela senhora de preto se encontra lá o nosso homenageado. Ele já foi homenageado no passado, mas agora vai ser de fato e de direito. Ele faz parte ali dos barquinhos que acompanham a nossa galeota: a Gratidão do Povo. Essa obra de arte que é uma das mais famosas e renomadas artes do Brasil.

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional Brasileiro.

(Execução do Hino Nacional Brasileiro.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Concedo a palavra ao autor do projeto de concessão da comenda, deputado Angelo Almeida, para saudar o homenageado.

Registro a presença do deputado estadual Zé Raimundo, de Vitória da Conquista, nosso reitor.

O Sr. ANGELO ALMEIDA:- Bom dia a todos e a todas! Saudar o nosso presidente – quero agradecer a esse privilégio de contar com ele nesta presente sessão

–; saudar o meu querido amigo colega, ex-colega, deputado estadual Zé Neto; secretário municipal do Planejamento, amigo Carlos Alberto Oliveira Brito, representando aqui o nosso também amigo, prefeito Colbert Martins; saudar a senhora jornalista e crítica de arte, de Feira de Santana, Lígia Motta – obrigado pela sua presença –; saudar o artista visual e médico oncologista, Dr. José Henrique Barreto; saudar o senhor consultor, professor universitário, Victoriano Garrido; senhor artista plástico e professor Juarez Paraíso; saudar o produtor cultural Leonardo Bokor; saudar, evidentemente, o meu querido amigo conterrâneo que muito nos orgulha – tive a oportunidade de ser o proponente desta comenda –, Dr. César Romero.

Nós, evidentemente, estamos vivendo um momento na vida política onde, infelizmente, vivemos momentos tensos, fagulhas de autoritarismo aparecem aqui e acolá. Mas hoje é dia de pedir licença a Geraldo Vandrê. E para não dizer que não falei de flores, nós vamos falar de César Romero.

Agradecer pela presença ao meu querido companheiro e amigo Zé Raimundo, deputado estadual, ex-prefeito de Vitória da Conquista e também ex-reitor da UESB.

(Lê) “Em 1950, a cidade crescia em torno das largas ruas de paralelepípedos e casarões suntuosos, ao som do burburinho da feira livre e fins de tarde nos coretos das praças. No Brasil iniciava-se o processo de consolidação da interiorização da modernização e a cidade celebrava o início da sua própria integração ao resto do Brasil com a abertura da BR-116, a Rio-Bahia. Os primeiros passos para fazer de Feira de Santana o maior entroncamento rodoviário do país.

Foi nesse cenário que nasceu o artista gráfico, ilustrador, fotógrafo, crítico e médico César Romero de Oliveira Cordeiro. Feirense, baiano e representante da arte brasileira no mundo, que hoje temos a honra de condecorar com a Comenda Dois de Julho.

Iniciou a carreira de pintor em 1968 e é considerado pela crítica como um artista que revolucionou a arte contemporânea pela capacidade de incorporar em suas pinturas traços e símbolos da cultura baiana. Pintou os casarios da Velha Salvador, os santos de devoção, os tamboretos de festas de largo, as arraias e faixas emblemáticas.

Participou dos principais salões no Brasil e de inúmeras exposições internacionais, como a de Washington, Colônia, Berlim, Barcelona, Madrid, Bilbao, Lisboa, Fort-de-France, Santiago, Buenos Aires, Paris e Granada.

Em meio século dedicado a arte, sempre praticou a brasilidade, sendo a Bahia seu ponto de partida e inspiração.

Essa Comenda, tida como a maior honraria entregue pelo Legislativo Baiano, deve ser vista como um presente, um agradecimento de todos os baianos e baianas pelos seus 50 anos de contribuição com a arte e a cultura do nosso estado.

Muito obrigado, Dr. César”.

Eu gostaria de aproveitar, também, a oportunidade para agradecer a todos os nossos colegas da Assembleia que votaram a Comenda, por unanimidade, no momento em que foi aqui apresentada.

Agradecer, sobretudo, mais uma vez, ao presidente que liderou, estava presente àquela sessão de dezembro do ano passado; ao Líder do Governo, deputado Zé Neto, que contribuiu para que pudéssemos abrir uma exceção, porque a cada deputado apenas é dado o direito, a oportunidade de indicar uma Comenda Dois de Julho por ano. Nós já tínhamos encaminhado aqui a proposta para a Comenda também a uma querida conterrânea, professora Eliane Azevedo. O deputado Zé Neto e o presidente Angelo Coronel abriram esse precedente devido à iminência que tínhamos, inclusive, de ter o mandato concluído antes do prazo, do final.

Portanto, muito obrigado a todos e uma boa sessão de entrega da comenda, merecida, a nossa gloriosa Comenda Dois de Julho, ao Dr. César Romero.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Para fazer uma breve saudação, convidamos o Dr. José Henrique Barreto, médico e artista plástico, para também saudar o homenageado.

O Sr. JOSÉ HENRIQUE BARRETO:- Bom dia.

É com imensa satisfação que me vejo aqui, nesta homenagem para o nosso conhecido, amigo, artista e médico César Romero. Então, eu saúdo, com enorme alegria todos os senhores e senhoras aqui presentes; o Sr. Presidente da Casa; demais deputados; e, principalmente, o homenageado. Aprendi, observando discursos de Barack Obama, que uma fala, um discurso tem que ter no máximo 20 minutos. Vou tentar, na minha prolixidade, fazer isso aqui.

(Lê) “César Romero, natural de Feira de Santana, Bahia, é médico psiquiatra, empresário e artista visual. Estreia na carreira de pintor na Bahia em 1967. Uso a palavra ‘estreia’ porque, popularmente diz-se que baiano não nasce, estreia. E César, como em ‘O Mágico de Oz’, do norte-americano Lyman Frank Baum, seguiu sua ‘estrada de tijolos amarelos’ e trilhou um caminho de sucesso, superando todos os obstáculos que a ele se impunham. Nesse meio século, César mostrou sua brasilidade, tendo a Bahia como ponto de partida. Investigou matrizes da cultura popular, estabelecendo um acúmulo de informações de grande importância na visualidade brasileira. Deu ao Brasil uma estampa única, as ‘Faixas Emblemáticas...”

Isso foi um fato muito importante.

(Lê) “(...) Ele precisamente se autodefine como baiano, nordestino, brasileiro e universal. Acho uma definição fantástica, precisa, posto que ele realmente assim o é.

Sem dúvida, é um dos mais importantes coloristas do cenário nacional das Artes Visuais. Ele brinca com a cor como pouca gente faz. É uma marca importante no seu trabalho. Ele consegue transitar com facilidade entre as nuances, cores diferentes, que muitas vezes passam despercebidas pelo olhar do observador desavisado.

Com linguagem autoral, detentor de uma paleta multicolorida e infinita, esse ‘Mago da Cor’ explora as potencialidades cromáticas, suas combinações, o jogo de claro-escuro, as transparências, as variações tonais e as texturas, conferindo uma atmosfera erudita aos elementos capturados da cultura popular. Ele é um inventor de harmonias cromáticas, utilizando-as como ferramenta máxima do seu trabalho.

Extremamente inquieto e sempre atento aos movimentos do mundo, César é um artista intemporal. Pesquisa sobre cultura popular traduzindo em arte diversas manifestações presentes no cotidiano do povo brasileiro, particularmente o povo nordestino.

Sua arte se baseia em um constante processo de síntese em torno dos seus símbolos, que passam a representar sua escrita particular, sua assinatura. Ele evita o óbvio da ilustração direta e leva o espectador a decifrar seus motivos, pois é tão preciso na apresentação de seus temas que o seu intento prevalece claro...”

Ele produziu muita coisa em sua vida: cartazes, logotipos de empresa, projetos gráficos, capa de discos, entre outros. Eu, também como médico, artista visual e oncologista, (Lê) “(...) trago ao conhecimento que dentre essas marcas deixadas por César Romero está o logotipo da Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica, uma entidade nacional sem fins lucrativos que tem como missão disseminar conhecimento referente ao câncer infanto-juvenil e seu tratamento para todas as regiões do país. Nesta época, a presidente dessa sociedade era também a médica baiana Nubia Mendonça. A simplificação e estilização da imagem reduz os dois ‘caranguejos’ entrelaçados a um contorno simples que captura a essência absoluta da criatura em uma imagem tão concisa quanto possível.”

Ele simplificou tanto que chegou quase a competir com Pablo Picasso quando fez a pomba na linha.

(Lê) “(...) Seus feitos são inúmeros. Participou dos principais Salões de Artes realizados no Brasil. Fez ilustrações para contos, livros, novelas, poemas e jornais. Teve trabalhos seus integrados em projetos de decorações e cenários para novelas e alguns especiais da *Rede Globo*.

Foi contemplado com diversos prêmios de pinturas e de fotografias e Salas Especiais, com honrarias e homenagens especiais no Brasil e no exterior. Possui trabalhos em vários museus brasileiros, inúmeras referências nacionais e internacionais sobre sua obra em livros, dicionários, revistas e jornais. Foi alvo de conferências sobre sua obra por críticos de arte e historiadores”.

Então César Romero é realmente um artista, uma pessoa de extrema importância. (Lê) “Participou da comissão julgadora de diversos salões regionais. Recebeu o Prêmio Personalidade do Ano, em 1979, e de Homem Destaque do Nordeste, em 78.

Participou de diversas exposições internacionais. Pragmático, ele tomou gosto pela escrita e atua há mais de 30 anos...”, se não me engano, “(...) como colunista de artes plásticas, escrevendo atualmente no jornal Correio, de Salvador. Escreveu, também, para algumas revistas já extintas. Possui painéis e murais na Bahia, Rio de Janeiro, Aracaju, Maceió, Olinda, Fortaleza, João Pessoa e Teresina. E também participações na Bienal de São Paulo.

Sua fortuna crítica consta de 129 textos de especialistas nacionais e 12 internacionais. É crítico de arte extremamente atuante, filiado a ABCA e AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte.

Como nos diz Hannah Arendt, uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX, *‘Só podemos saber quem um homem foi se conhecermos a história da qual ele é o herói’*. Na realidade o herói revelado pela sua história não precisa ter qualidades heroicas no sentido usual do termo. Embora a palavra conote imediatamente o afrontamento e a disposição de arcar com as consequências, o herói de sua história é, apenas, antes de mais nada, aquele que abandona o seu abrigo recôndito para mostrar quem é, para revelar e exibir sua individualidade. Um herói não é um semideus, é uma distinção que está ao alcance de qualquer homem livre. Mas esta coragem inicial que nos faz públicos, que abre o espaço da comunidade, é um traço significativo.

Herói de sua própria história, César Romero é antes de mais nada alguém que cresceu no abrigo recôndito de sua circunstância familiar. Foi formado num ambiente cultural cuja expressividade maior estava na ética do trabalho e na vocação prática. Viu-se inserido numa espécie de tensão intelectual gerada, de um lado, pela prática médica e pela prática no âmbito das artes visuais.

É um homem tenaz e paciente, que cultiva a prudência e a tolerância como virtudes. É um ser humano de qualidades inolvidáveis e intelectual destacado de extrema retidão e competência. É generoso, trabalhando com profissionalismo, honradez e seriedade. É uma pessoa especial, honesta, dedicada, habilidosa e competente. Para mim, é um conselheiro, um grande amigo e essa amizade faz parte do meu patrimônio.

Estou orgulhoso de realizar a presente apresentação, este reconhecimento, entre tantas autoridades e amigos.

Congratulo-me com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, certo de que a audiência concorda com o meu sentir.

Muito obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Assistiremos agora a um documentário chamado “*Sentimento Brasília*”, que retrata a carreira de César Romero.

(Apresentação do documentário.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Lamento. Houve um problema técnico. Vai-se trocar a mídia do *pen drive* por um *CD-ROM*, a fim de assistirmos ao filme.

(Pausa.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Infelizmente, houve problemas técnicos são alheios à nossa vontade.

Vamos dar sequência à sessão em homenagem a este grande artista da Bahia.

Neste momento, convido a Sr.^a Maria Heli Costa para fazer a entrega da Comenda Dois de Julho ao nosso homenageado. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Em nome do Poder Legislativo, convido o deputado Zé Neto, Líder da Maioria, para prestar uma homenagem rápida ao nosso homenageado.

O Sr. ZÉ NETO:- Bom dia a todas. Bom dia a todos.

Não estava nem prevista a minha fala, mas o nosso presidente Coronel pediu. Em nome dele e em nome do homenageado, saúdo toda a Mesa.

Para mim, é uma satisfação grande. Hoje pela manhã, havia várias coisas já agendadas, inclusive, uma viagem. Aí, Angelo me ligou ontem e disse da sessão de hoje. Queria saudar Angelo também por sua escolha, melhor, por escolher uma figura ímpar. Inclusive, eu nunca tive condição de comprar um quadro dele, porque os quadros dele são caros. (Risos) Não é barato não! O cabra é bom! (Risos)

Mas eu tive a alegria de, na CDL, ver vários quadros. Alguns são seus também. E, logo no começo do governo Wagner, a CDL pediu para nós fazermos um monumento de vidro, a fim de proteger alguns quadros que seriam expostos e estão. Há quadros seus também lá.

E eu tenho uma réplica de um quadro seu na minha casa, lá na ilha, no meu coiozinho, que eu guardo com o maior carinho do mundo. Mas quando eu tiver o original, vou botar na minha sala, viu? (Risos)

Mas é uma satisfação grande, César. Primeiro, porque você é esta figura, sempre, bem-humorada. Por isso, eu estou aqui levando um pouco na alegria. Feirense, com uma história muito bacana de um sertanejo e de um baiano que ganha o mundo com sua arte e com sua desenvoltura. Profissionalmente, é bem-sucedido

como médico e, também, como empresário. Então, para mim é uma satisfação grande.

Quando Angelo me ligou, eu lhe perguntei quem era a figura. Ele me respondeu. Assim mesmo, eu me lembrei de que a gente estava no final do ano. Realmente, Angelo tem uma memória boa. À época, havia um percentual de título para ser aprovado. Nós conversamos. Angelo insistiu muito aqui para fazermos esta justa homenagem a esta pessoa e, assim, nós estamos homenageando Feira, a Bahia, que homenageia um homem de bem, que homenageia essa figura, que todas as vezes que eu encontro na cidade, se tiver uma escuridão, você vai ver uma luzinha lá, é ele lá rindo, sempre feliz, sempre tranquilo, sempre com essa capacidade de agregar pessoas do bem ao redor da sua existência, da sua caminhada.

Então, fica aqui a homenagem, também, de mais um feirense que tem orgulho de, neste momento, nesta manhã de quinta-feira estar aqui contigo. Não mediria esforços para, nesse momento, participar dessa honraria que, com certeza, diz muito à nossa cultura, principalmente em Feira que precisa, mais e mais, fazer com que nossos valores culturais sejam cada dia mais lembrados, mais ressaltados, mais evidenciados. E você, nesta manhã, com certeza, faz com que nós tenhamos um momento de alegria, de grandeza, de reflexão sobre os nossos valores, sobre a nossa cultura, sobre a nossa arte e sobre a grandeza que ela representa em nossas vidas.

Então, parabéns, César, do coração, a Bahia hoje está em festa e essa comenda que é a maior comenda do nosso estado, está, de forma muito justa e legítima, hoje, no seu peito, fazendo parte da sua história. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Dando sequência, tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o artista plástico, Dr. César Romero, o homem das faixas emblemáticas, homem que pregou o legado de não deixar morrer as marcas que o povo criou.

Com a palavra Dr. César. (Palmas)

O Sr. CÉSAR ROMERO:- Bom dia Bahia. Ex.^{mo} Sr. Deputado Angelo Coronel, muito digno presidente desta Casa; Ex.^{mo} Sr. Deputado Angelo Almeida, que propôs esta comenda; Ex.^{mo} Deputado Zé Neto e toda a Mesa, que são pessoas que escolhi pelos afetos, quero destacar que todos os meus convidados foram feitos, assim, com um carinho muito grande, uma coisa que eu digo, pelos afetos. Quero homenagear o professor Juarez Paraíso, que é uma pessoa de um talento enorme, sempre presente (palmas) apoiando os colegas, uma pessoa extraordinária. E também agradecer a Carlos Brito, que veio de Feira de Santana, como Edivaldo Boaventura disse, que Feira de Santana não é uma cidade, é um condado. E, Carlos, você é uma

pessoa muito importante para Feira, porque Carlos cuida da Fundação Senhor dos Passos, que cuida da memória de Feira de Santana, então, ele é um memorialista, e tudo o que acontece em Feira como memória ele registra.

E também eu tive o privilégio de receber a Medalha Senhor dos Passos, que é a maior honraria de Feira de Santana, também votada por unanimidade, que vai ser no dia 03 de maio, eu vou estar lá para receber. É ele que é o chefe da fundação que tem prestado muitos serviços à comunidade.

Dizer que eu estou extremamente emocionado, é verdade. Porque você fica pensando no seu início de carreira e onde você está começando a chegar. E é uma honra estar aqui, quando o estado da Bahia, representado por seus deputados outorga a mim essa homenagem. Nunca vou esquecer, deputado Angelo Almeida, essa dedicada comenda. Isso fica para sempre na memória da gente, não há como esquecer.

Eu quero também agradecer ao professor José Carlos Cardoso Lisboa, Joseval Fonseca Beto, Roterlane Paiva, Nanci Novais, Justino Marinho, Maria Heli Costa, Bráulio Villares, Barral, Fagner Gordiano, Roberto Oliva, Maria Helena Flexor, Martha Castro, José Carlos dos Santos, Gil Mário, Zivé Giudice,” que é o nosso diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, Guache e Jack Alves.

Estar aqui me remete à infância. E a infância é uma coisa muito importante na vida da gente. Eu me lembro que às segundas-feiras eu ia com o meu pai fazer as compras da casa, geralmente era o homem que ia à feira livre. Então havia uma pessoa, um funcionário, que carregava uma cesta muito grande à cabeça, e meu pai cuidava de comprar carne do sol, carne verde, farinha, feijão, caças, tudo o que era para o consumo da casa. E lá ia eu atrás, ele me chamava para eu aprender como fazer compras, como pechinchar, como escolher o melhor.

Eu ia com ele, mas o meu olhar era outro. O que eu via diante de mim? Eu via as cerâmicas, eu via os carrinhos, eu via os peões, eu via as arraias, as gaiolas tão bem trabalhadas, mané gostoso, aquele bonequinho que se apertava e toda a artesanaria que se fazia. Feira na feira livre era uma coisa extraordinária, era de um encantamento muito grande. E eu, alumbrado, olhava fixamente e às vezes perdia de vista meu pai e o rapaz. E era automaticamente puxado pela orelha para seguir o bom caminho, que era aprender a fazer feira. Isso ficou na minha memória para sempre, porque essas coisas da infância não mudam.

Eu vivia encantado com os brinquedos populares: os carrinhos, os manés-gostosos, os trapezistas, o pião com o seu cordel enrolado que você puxava em rotação, os ioiôs que você brincava, as bonecas de pano, o peixe elétrico e a literatura de cordel. Tinha E eu fico pensando, Sr. Presidente, eu fico imaginando, deputado Angelo Almeida, a gente presenteando uma criança hoje com um carrinho de madeira que você puxava pela rua, com muito orgulho. Eu tinha vários caminhões. Nos

passeios lá em Feira de Santana havia um cordel de mim até o carro que a gente puxava. Era uma maravilha!

Imagina Zivé dando de presente aos filhos um ioiô, um mané-gostoso. Vão dizer: “Pai, você cheirou parede?” (Risos) Hoje tudo está ligado à informática, hoje as crianças não sabem o que é isso. As crianças não têm a menor noção do que é a artesanaria popular, que ajudou muito as pessoas do interior nos negócios como também as ajudou a desenvolver a inteligência e a capacidade de criar. Então é importante esse artesanato, a manutenção disso, porque a criança adora isso.

Ainda no Nordeste que não aderiu à total globalização, existem nas feiras do interior essas coisas tão interessantes, como as arraias e as brincadeiras de arraia. Hoje, você dá de presente uma arraia a um menino, ele não sabe nem para o que serve. Os tempos mudaram muito. Hoje é a informática.

Então, quando eu vim para Salvador, com 16 anos, vim cheio de memórias. Havia em mim todo um armazenamento de cultura popular, porque eu vivia dentro disso, dentro dessa coisa. Chegando a Salvador, eu incorporei o mar e os símbolos afro-brasileiros.

Bem, como começou o artista César Romero? Eu estudava nos Maristas, colégio que sempre desenvolvia o lado artístico da pessoa. E lá tinha o Clube Litterário-Desportivo Independente (CLDI), que desenvolvia essas atividades de literatura, de jogo, de dança. E tínhamos a Semana Champagnat, que era quando se reunia tudo, campeonatos de bola... não tinha bola de gude, é claro, já não cabia mais. Eu era bom em bola de gude!

E nos Maristas se desenvolvia muito esse lado cultural. E me lembro que eu era o melhor aluno entre os que se preparavam para o curso de Medicina. E Frederico Gondim era o melhor dos que se preparavam para o curso de Engenharia. Fred era excelente aluno, o nosso diferencial é que ele pintava, e eu não. Ele pintava aos sábados e domingos, trancado numa sala para que ninguém o observasse. Eu ficava espreitando, olhando. Um dia, tomei coragem e perguntei a ele: “Fred, como é que se pinta?” Vou dar a receita a vocês. Ele disse: “Você compra uma tela, um lápis, uma borracha, algumas tintas e enche os espaços vazios do desenho de cor”. Eu perguntei: “É fácil assim?” Ele disse: “É”. Lá vou eu pintar.

O primeiro quadro que eu fiz foi com uma igreja e duas casas. Só que a igreja era vermelha, a casa ao lado azul e a outra amarela. Bem, logo veio um salão de arte, o primeiro Encontro Intercolegial de Artes Plásticas (Eicap), que reunia os colégios de 2º grau da Bahia. Pintei esse quadro para esse salão, mas as pessoas começaram a censurar minha igreja vermelha, uma casa amarela e outra azul.

Um dia antes de entregar para o júri, foi uma pressão tão grande que eu pintei a igreja de branco, tinta óleo em cima do vermelho. Pinte! Pronto, aí ficou bom, segundo a estética deles. Enrolei em papel manteiga e levei para o salão de arte.

Quando cheguei lá e abri, metade da tinta ficara no papel e metade na própria tela. Foi um susto terrível. Eu disse: “Estraguei o quadro, vou voltar para o colégio”. Não dava tempo. Um francês amigo meu, falou: “Deixa, parece casa descascada”. Eu perguntei: “Parece?” Ele repetiu: “Parece casa descascada”. E eu ganhei o primeiro prêmio com uma “técnica nova”.

Quem era do júri? Juarez Paraíso, Mercedes Kruschewsky, Riolan Coutinho, Wilson Rocha e professor Rescala, que depois me chamou para perguntar como é que eu tinha desenvolvido aquela técnica. O professor Rescala fazia casarios com uma pintura que retratava as coisas. Eu ficava sem saber o que dizer; tinha uma imensa vergonha de dizer que foi um acidente. E eu aproveitei esse acidente e desenvolvi algumas coisas.

Bem, saiu no *Jornal da Bahia* uma foto minha recebendo o prêmio do então governador Luís Viana Filho. Em Feira de Santana, a família viu o jornal e veio em caravana – pai, mãe, avô, avó, tio – dizer que o menino estava ficando degenerado, porque veio para Bahia para estudar para ser doutor, e não pintor. Foi uma guerra civil. O irmão Aquiles Escarpim comentou com eles sobre a importância da pintura, eles estavam irredutíveis: “Não, eu prefiro levá-lo de volta, mas ser pintor!?” Mas não é ser pintor, é juntar as duas coisas, eles não aceitaram muito. Tive que parar de pintar por um tempo, as notas caíram, e eu negocieei. As notas poderiam melhorar, eu estudaria mais, contanto que eu pudesse pintar aos sábados e domingos. Então foi resolvida essa questão.

Existiu outra questão muito dramática: um colega lá dos Maristas foi ver um balé no Teatro Castro Alves que surgiu em 1962, criado por Maria Augusta Morgenroth. Ele viu o balé no início dos anos 70, voltou para os Maristas e falou que queria ser bailarino, e o irmão que estudava lá ligou para a família de imediato. A família veio enlouquecida, o pai dizia: “Eu trouxe esse menino aqui para estudar para Engenharia, não para estudar ‘Ballet’”. Aí o irmão tentou fazer alguma coisa, não houve jeito, a família levou-o de volta para o interior. E o menino transformou-se em alcoólatra, e bebia, e bebia. Um dia, atravessando a rua da sua cidade, foi atropelado e morreu. Então, nem Engenharia nem Balé, o insondável.

É preciso que a gente tenha em mente o respeito pelas diferenças. (Palmas) Ser artista hoje em dia é ter uma profissão com qual a se tem um imenso preconceito. Quando se pergunta “Seu filho é o quê? Faz o quê?”, e você responde “Faz moda”, hum! Então as carreiras ficaram muito ligadas à Engenharia, Medicina, Direito, todo mundo pensa dessa maneira, quando, na verdade, existem profissões seríssimas de todos os naipes, mas hoje eu compreendo, o meu pai e a minha mãe queriam o melhor para mim naquela época, pela visão dele, era uma visão dele.

Eu acho que até hoje ninguém aceita bem o filho dizer: “Olha, eu vou ser pintor; eu vou ser bailarino; eu vou ser ator de teatro; eu vou ser ator de cinema”. Isso

incomoda muito. Não é que o pai seja ruim, é que ele quer o melhor para o filho e ele não conhece, de fato, essas profissões.

Segui meu caminho de pintor conforme a negociata com a minha família de que eu tiraria notas boas e pintava. Segui mandando quadros para os salões. Nos anos 80, eu mandei para todos os salões que eu conheci, fui começando a ganhar prêmios e a desenvolver a minha linguagem pessoal. Evidente, e não venham me dizer o contrário, quando a gente começa a fazer arte, aliás, quando a gente começa a pintar ou fazer coisas desse tipo, a gente não tem a consciência concreta do que é aquilo, do que é arte, porque há uma diferença muito grande, Antônio Amorim, entre pintar e ser artista. Pintar é encher espaços de massas corantes; ser artista é invenção de linguagem.

Então, muitas vezes, eu fico extremamente tenso diante de um quadro, sem prazer nenhum, porque é um desafio, é um jogo em que você pode ganhar ou perder, você vai com aquela preocupação de acertar, e nem sempre você acerta, nem sempre você consegue aquela cor que você imaginou, é ansiogênico pintar, a não ser que a pessoa não tenha nenhuma responsabilidade e faça o que vier à cabeça.

Eu acho que isso acontece também com o compositor, isso acontece também com o ator, que nunca está satisfeito com o desempenho, e com outros profissionais.

Durante toda a minha carreira de artista plástico, eu pinte a Bahia e o Nordeste, nos casarios, nos santos de devoção. Eu estudei durante muito tempo, por 5 anos, nos Maristas, e todo dia tinha missa para a gente ir, e íamos com alegria, era um ambiente bom.

O que quero colocar para vocês é que ser artista é uma profissão extremamente difícil, é uma carreira que envolve conhecimento, senso de observação, envolve treinamento, percepção, e hoje, como tudo, o mercado de artes plásticas está péssimo, então muitas vezes o artista tem que dar aulas, tem que arranjar empregos para poder se manter.

Eu quero dedicar essa comenda aos meus colegas artistas plásticos, por quê? Porque artes plásticas tem a menor mídia que pode existir no Brasil, a mídia é toda voltada a esporte, a novela, a filme, a uma série de vetores que não as artes plásticas. Eu escrevo há 41 anos sobre as artes plásticas e sei disso; Justino Marinho, que escreveu por 30 anos, também sabe o quão difícil é manter uma coluna num jornal.

Então, dito isso, eu busco transfigurar o sonho, eu busco um lugar no espaço, um espaço que tenha as coisas da Bahia. Eu sempre serei um pintor da coerência, eu escolhi a brasilidade e não vou mudar porque sempre há uma saída se você estuda e se prepara, porque às vezes as pessoas dizem “eu sou um artista inquieto”, muda todo dia. Isso não é inquietação, isso é desagregação, não sabe o que fazer, muda para outro tema, e aí não traz nada como raiz. Claro que o artista é cheio de conflitos. Digo a vocês políticos: se aproximem dos artistas, se aproximem deles. Acho que se

aprende muito nessa aproximação. Às vezes, a infantilidade dá repentes de que a pessoa se arrepende, mas é uma boa companhia.

Quero agradecer profundamente a presença de vocês; quero agradecer a todos que compõem esta Mesa; quero agradecer ao nosso presidente, Angelo Coronel, que teve o cuidado de descer, porque ele não tinha obrigação; também a de Angelo Almeida e a de Zé Neto. Tenham todos o meu respeito, a minha admiração. Agradeço a Carlos Brito também e a todos vocês. Muito obrigado, gente! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- O homenageado receberá os cumprimentos no saguão, onde será oferecido um coquetel.

Em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço as presenças das autoridades civis, militares, dos amigos e familiares do homenageado, das senhoras e senhores convidados, da imprensa.

Em nome de Deus, que nos guia, declaro encerrada a presente sessão. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.